

## A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Cláudio Nei Nascimento da Silva<sup>1</sup>

O advento da inteligência artificial (IA) tem provocado impactos importantes na prática científica de modo geral. Nos processos de comunicação científica não tem sido diferente. Editores se veem apreensivos com recursos tecnológicos decorrentes dessa nova onda da inteligência artificial. Os textos produzidos com auxílio dessas tecnologias costumam apresentar mais clareza e precisão que muitos textos autorais. Os editores reconhecem as contribuições que diversas ferramentas novas e mais eficientes estão trazendo para os processos de coleta, processamento e análise de dados. Quando esses editores submetem um texto aos detectores de plágio e de uso de inteligência artificial na redação, veem-se igualmente angustiados com a possibilidade que esses instrumentos de verificação têm de cometer erros e acusar de plágio um texto original.

Tudo isso torna a comunicação científica ainda mais desafiadora, parecendo ganhar novos contornos conceituais, já que a visão que prevalecia há poucas décadas não é suficiente para descrevê-la. Segundo Delbianco e Valentim (2022, p. 2), a comunicação científica “engloba questões sobre o compartilhamento da informação, a mensuração e quantificação das produções científicas e seus impactos na ciência e na sociedade”. Embora tal concepção represente um avanço em termos conceituais sobre o que vem a ser a comunicação científica, a inteligência artificial suscita novas questões nessa definição: implicações éticas sobre os processos de produção de um texto científico; os limites e as possibilidades da relação do ser humano com as tecnologias digitais em todas as etapas da prática científica; as novas estratégias de divulgação do conhecimento científico, que parecem reduzir as peças tradicionais como o artigo, o livro e o evento a formas anacrônicas e insuficientes, revelando novas demandas de uma sociedade cada dia mais influenciada pelas redes sociais. Essas situações impõem a necessidade de repensar a comunicação científica na atualidade e nos obriga a refletir sobre as seguintes questões: qual é o limite da utilização da inteligência artificial na ciência? O que é aceitável e o que não é aceitável em termos de uso da inteligência artificial nas publicações periódicas? Editores e revisores *ad hoc* estão atentos e preparados para detectar mau uso da Inteligência Artificial na prática científica?

Muitos trabalhos têm sido publicados acerca dessa temática. Já em 2010, Martins (2010, p. 10), com um texto que buscava discutir a IA da época e apresentar possíveis usos da inteligência artificial pela Ciência da Informação em problemas relacionados à recuperação da informação, afirmou que a IA já estava sendo bastante utilizada, especialmente em sistemas de recuperação da informação:

---

<sup>1</sup> Editor-chefe da Revista Nova Paideia. [Lattes](#)

Os mecanismos para recuperação da informação compreendem uma subárea dos sistemas de informações, e são os responsáveis por recuperar os objetos de dados, sejam eles textos, imagens, sons e outros tipos. A ideia geral é que a partir de uma questão formulada pelo usuário, o sistema seja capaz de lhe apresentar os resultados que sejam compatíveis com a questão apresentada (Martins, 2010, p. 10).

Interessante notar que o potencial apresentado pelo autor em torno da inteligência artificial à época pôde ser plenamente atendido na atualidade, com ferramentas como o ChatGPT na ressignificação do conceito de recuperação da informação, que passou a ser generativo e muito próximo da linguagem humana. Impressiona a forma como tais ferramentas hoje produzem textos e soluções para questões cotidianas e mesmo questões complexas que eram respondidas com uma tese de doutorado.

Ocorre que o debate acerca do uso da IA em diferentes contextos impõe, atualmente, a necessidade de um debate acerca do humanismo enquanto horizonte filosófico para nossas práticas e escolhas, quer sejam na ciência, quer sejam em quaisquer outras áreas. Gadotti (2024, p. 193) afirma que “o mundo nos pertence tanto quanto pertencemos a ele. Somos terra. Somos humanos. A palavra homem vem de *humus*, terra fecunda, terra que anda, que ama, que sente, que pensa. Somos a própria Terra”. Assim, é preciso reconhecer o papel da máquina ou dos processos tecnológicos nessa nossa relação com a vida. A tecnologia deve estar subordinada ao ser humano, que é quem “pensa” e quem “sente”. O que torna a humanidade humana é a capacidade de agir de maneira elevada, sempre na direção de valores como a solidariedade, o respeito, o diálogo e a justiça. Só ao ser humano é garantida a capacidade de criar e pensar o futuro. Como afirma Han (2022, p. 81) em “Não-coisas”, “a inteligência artificial aprende com o passado. O futuro que ela calcula não é um futuro no verdadeiro sentido da palavra. Ela é cega para eventos”. Esse potencial de criar, sonhar, esperar, idealizar pertence ao ser humano e não à tecnologia. E o que isso tem a ver com a ciência?

A ciência é, antes de tudo, um processo humano e social. Por isso, é fundamental perceber uma distinção entre o uso da inteligência artificial em processos de produção de textos e o uso da inteligência artificial como suporte à análise e processamento de dados da pesquisa. A produção de textos é um processo humano, pressupõe agir com escolhas, com emoção e com ideal. Mas os processos de análises e processamento de dados a máquina pode realizar, já que tais processos antecedem a interpretação e podem ser refeitos à luz dos objetivos previamente traçados.

Camacho (2025) considera que o processo de pesquisa tradicional tem enfrentado múltiplos desafios, como a gestão de grandes volumes de informação, a identificação de padrões significativos e a otimização do tempo gasto em tarefas repetitivas. Para tais desafios, a IA pode se converter em uma solução importante. Isso porque, consideram os autores:

a inteligência artificial, com suas capacidades de aprendizagem automatizada, processamento da linguagem natural e análise preditiva, oferece ferramentas inovadoras para automatizar tarefas, gerar modelos preditivos e extrair informação valiosa a partir de dados complexos (Camacho, 2025, p. 3).

O que se pretende, portanto, é reconhecer o limite da utilização da inteligência artificial na pesquisa. A atividade científica carece de diálogo, de senso de justiça. Precisa ser orientada para a construção de um mundo melhor e mais igualitário.

Segundo Dubo (1976, p. 67), “a diferença entre a humanidade e a animalidade se estabelece, precisamente, por esta transmutação das necessidades utilitárias em uma aventura do espírito”. Produzir conhecimento científico não pode ser uma atividade orientada por fins meramente utilitários e mesquinhos. Produzir conhecimento científico é uma atividade humana, realizada por humanos, com fins fundamentalmente humanos. Caso a comunidade mundial de pesquisadores não reconheça isso, corre-se o risco esvaziar a ciência de sua humanidade. Aí a ciência, que é feita de seres humanos, deixa de ser o *humos* que fecunda a terra e a faz produzir os frutos necessários para a manutenção da vida de modo harmônico e pleno.

## Referências

DELBIANCO, N. R. & VALENTIM, M. L. P. Sociedade da Informação e as mídias sociais no contexto da comunicação científica. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, 11, 1 – 11. 2022. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v11.78778>

DUBOS, René. **Elegir ser humano**. Madrid: Plaza & Janes, 1976.

GADOTTI, M. **A educação contra a educação**. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 2024.

HAN, B.-C. **Não-coisas**. Petrópolis: Vozes, 2022.

CAMACHO, J. D. M. Análisis del uso de inteligencia artificial y ciencia de datos en la optimización de procesos de investigación científica en el nivel académico. **Revista Multidisciplinar Ciencia y Descubrimiento**, v. 3, n. 2, 4 maio 2025.

MARTINS, A. L. Potenciais aplicações da Inteligência Artificial na Ciência da Informação. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1, p. 1–16, 19 set. 2010.